
PARA CONVERSAR NA IGREJA



conversando sobre
O RACISMO

PARA CONVERSAR NA IGREJA



conversando sobre
O RACISMO

ultimato 

VIÇOSA|MG

CONVERSANDO SOBRE O RACISMO
SÉRIE PARA CONVERSAR NA IGREJA

Copyright © Editora Ultimato
Todos os direitos reservados

Primeira edição eletrônica: Outubro de 2020

Coordenação editorial: Reinaldo Percinoto Jr.

Preparação: Marcos Bontempo
Klênia Fassoni
Ariane Gomes

Capa: Ana Cláudia Nunes

Diagramação: Bruno Menezes

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-970 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato

SUMÁRIO

Introdução à série	5
Como usar	7
Introdução	8
1. Por uma teologia que leve a igreja à tristeza segundo Deus	10
Ziel Machado	
2. O caminho da não discriminação	17
Márcio Mendes	
3. Racismo e infância: uma receita de sofrimento e reprodução de conceitos	21
Terezinha Candieiro	
4. A Bíblia e as raízes míticas do racismo	27
Quéfren de Moura	
5. Diversidade racial na linguagem do Evangelho	32
Ana Staut	
6. Entre flores e preconceitos	37
Atilano Muradas	
Recursos	41
Frases	43
Livros sugeridos	47



INTRODUÇÃO À SÉRIE

PARA CONVERSAR NA IGREJA é o nome da série de e-books da Editora Ultimato, pensada e organizada tendo em vista a comunhão e o desenvolvimento integral da Igreja em diferentes campos da cultura e da vida cristã em comunidade.

A série coloca à disposição do leitor uma cesta de ferramentas e recursos para estudo em grupo ou individual, para uso dominical e comunitário, bem como para desenvolvimento pessoal dos membros da igreja, possibilitando assim o treinamento, a maturidade e o testemunho do Corpo de Cristo (Efésios 4. II-32).

Cada título da série oferece textos, estudos bíblicos e outros recursos selecionados a partir do conteúdo online, dos livros e da revista **Ultimato**, sempre com abordagem cristocêntrica e bíblica de temas que a experiência milenar da Igreja tem demonstrado ser o alicerce imprescindível,

o fundamento, de toda comunidade que pretenda seguir os passos do seu Mestre e Senhor (I João 2.5-6).

Que a graça de Deus nos dê raízes fortes, para que os frutos sejam duradouros!

Marcos Bontempo
DIRETOR EDITORIAL

OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE

- ✎ Conversando Sobre a Oração
- ✎ Conversando Sobre a Família e Seus Desafios
- ✎ Conversando Sobre a Bíblia



COMO USAR

EMBORA OS RECURSOS, TEXTOS E ESTUDOS BÍBLICOS sejam independentes entre si e não tenham uma ordem sequencial obrigatória, sugerimos a você leitor fazer uso de todo o material, possibilitando o contato com aspectos diferentes e igualmente edificantes sobre cada tema abordado.

O e-book pode ser utilizado individualmente ou em pequenos grupos, em casa ou na igreja, em momentos especiais ou durante as programações já agendadas. Por exemplo, você pode convidar um pequeno grupo da sua igreja para estudarem juntos este material; ou utilizar os e-books como subsídio para seu grupo de discipulado ou classe de Escola Dominical. As possibilidades são enormes e nossa esperança é que esta “caixa de ferramentas” se torne, de fato, uma rica oportunidade de reflexão, aprendizado e celebração do conteúdo bíblico e da confiança do povo de Deus no único Senhor da história.

Mãos à obra!



“DEUS ESTÁ CANSADO DO RACISMO”

ESTA INTRODUÇÃO tem o mesmo título de uma das devocionais do pregador Stanley Jones em *O Caminho*. São do autor estas afirmações: “Deus se cansou de esperar que os cristãos agissem como tais nas questões raciais [...] Deus está cansado da nossa lentidão para mudar por meio do ensino da fé”. Outra devocional (“Reconciliar raças”) termina com a oração: “Ó Deus, que fizeste de um só sangue todas as pessoas em todos os lugares e nos uniste aos teus pés em comunhão, ajuda-nos para que nos libertemos de tudo que faz separação entre as pessoas, de qualquer raça ou cor. Afinal, todos são iguais aos teus olhos. Amém”. Estas palavras são de 1946, data da primeira publicação do livro. O que Stanley Jones diria hoje?

O tema do racismo é complexo, envolvendo muitos fatores igualmente importantes. Um desses fatores é o racismo estrutural. O pastor Ziel Machado, na live “Racismo na igreja”, da série “Diálogos de Esperança”, respondendo a uma pergunta

sobre os termos de reparação por meio de políticas públicas, disse: “Estamos lidando com uma questão estrutural, de séculos. O que aconteceu a este país, nestes quatrocentos anos, é muito grave”. Na mesma live, Juliana Yade, da Pastoral do Combate ao Racismo da Igreja Metodista, declarou: “Na realidade, o racismo não tem nos entristecido, as mortes negras não nos chocam; aquelas que acontecem a cada 23 minutos”.

A Igreja deve agir em duas direções. Ela deve voltar-se para si mesma e caminhar em direção à diversidade e unidade desejadas por Deus. Mas deve voltar-se também para a sociedade, a fim de enxergar e, intencionalmente, combater a injustiça contra as pessoas negras.

Com este e-book **Ultimato** quer contribuir para que a conversa sobre racismo tenha espaço na igreja – como tema urgente e relevante do ponto de vista bíblico – e para que haja mudança de mentalidade e de atitude.

E esta conversa deve acontecer sob a luz do evangelho. E não há como evitar o desconforto e a dor. Que esta oração possa nos inspirar:

“Deus, agradecemos a luz que brilha sobre o racismo e a injustiça. [...] Oramos para que os líderes cristãos ouçam, se levantem e falem neste momento [...] Oramos por autêntico arrependimento, reconciliação e restituição, ó Deus. Confiamos em ti para um mundo onde toda a humanidade é honrada” (Miqueias Global).

Nota

I. Série “Diálogos de Esperança – A Igreja evangélica em tempos de (pós-) pandemia”, promovida por Aliança Cristã Evangélica Brasileira, Editora Ultimato, Tearfund e Visão Mundial.



POR UMA TEOLOGIA QUE LEVE A IGREJA À TRISTEZA SEGUNDO DEUS

Ziel Machado

APROXIMO-ME DO TEMA DO RACISMO de forma muito humilde. Reconheço que há muitas vezes mais preparadas para este debate. Chego como alguém disposto a ouvir, a aprender. Sobre a dimensão teológica deste debate, considero ser muito importante o lugar onde nasce este esforço teológico de compreensão do tema, no qual a dor é a grande marca. Portanto, fui às cartas que Paulo escreveu na prisão, uma teologia pastoral que nasce marcada pelas implicações da obediência ao Senhor. Na Carta aos Filipenses, escrita aproximadamente no ano 62, ele faz algumas afirmações que nos ajudam a entrar nesse tema. No versículo 6 do capítulo I ele diz: “Eu tenho certeza que aquele que começou a boa obra em você irá completá-la até o dia em que Cristo Jesus vai voltar”. Tomo esta palavra como uma advertência para que o meu esforço de compreensão teológica do tema esteja em sintonia com esta boa

obra que Cristo começou em nós e, ele mesmo, vai completar. Sendo assim, não se trata de um esforço no qual estamos sozinhos. Estamos sendo movidos por aquilo que Cristo está fazendo em nós.

Mais à frente, Paulo diz assim: “Eu oro para que o amor de vocês transborde” (v. 9). Este seria um bom alvo para tal esforço teológico, a saber: que o mesmo resulte em mais amor. Um amor que nos permita “crescer em conhecimento e discernimento”. Um amor que nos permita viver “de um modo puro. Sem culpa, até que Cristo volte”. Que nos faça “sempre cheios do fruto da justiça”. Estas realidades espirituais são fundamentais para tratarmos deste tema, pois são “frutos da justiça que vêm por meio de Jesus Cristo para glória e louvor de Deus”.

O tema do racismo para mim, antes de ter sido um problema teológico, foi um problema existencial. Sou fruto de uma família mestiça, bisneto de Joaquina, que foi escrava e morreu quando eu tinha 8 anos de idade. Cresci numa família de brancos e negros. Minha bisavó Joaquina educou seus filhos, netos e bisnetos na lógica do branqueamento. Ela tinha muito medo de que a lei voltasse atrás e seus descendentes acabassem sofrendo como seus antepassados e ela mesma sofreram.

Na minha experiência pessoal, no contexto da família, o racismo ou temas relacionados à escravidão foram um silêncio absoluto. A gente notava alguns comentários depreciativos e jocosos, que depois eu pude identificar como sendo um tipo de racismo: o racismo recreativo. À medida que minha família conseguia, socialmente, atingir novos patamares, fui deparando-me com essa crise do brasileiro cordial.

Cresci numa igreja de periferia na qual a questão do racismo também não era tratada; havia um grande silêncio grande em relação a este e a muitos outros temas. Basicamente, nossa preocupação era povoar o céu. Era uma igreja também mestiça.

Pouco a pouco, à medida que fui amadurecendo, estudando, isso se tornou um problema teológico para mim, que surgiu a partir de um questionamento: “Por que o silêncio da igreja num tema tão fundamental?”.

Depois, eu me escandalizei porque, além do silêncio, havia uma adesão a essa lógica racista. Por que a minha herança evangélica aderiu a essa situação? Até que, na década de 1980, já na juventude, deparei-me com uma situação na qual eu vi no ambiente da igreja um discurso racista dirigido a mim e a outras pessoas. Então, fiquei com estes três problemas teológicos: o silêncio da herança evangélica, a adesão e, para piorar, a prática e a justificativa explícita do racismo. Três condutas inconcebíveis para a fé cristã. Desde que me tornei consciente disso, passei por um processo de enegrecer o meu pensamento, tentar conectar-me com esta parte de minhas raízes e pensá-la em relação a minha fé. Decidi educar-me no tema do racismo e, para isso, tenho ouvido muitas vozes dentro do cenário cristão, autores e autoras que podem me ajudar a entender a minha perspectiva cristã em relação ao racismo.

Um dos desafios que percebo para a teologia é o do reencontro com a história. Nós precisamos nos educar sobre o racismo para entendermos a profundidade desta realidade e, assim, ancorarmos nosso esforço teológico na realidade da dor que a história nos conta, uma dor ainda presente. É preciso instruir a nossa teologia com a história para conectar com as raízes dos nossos problemas.

Faço uma distinção aqui entre a confissão da fé cristã e a experiência histórica da comunidade cristã. São duas coisas que, ao longo da história, nem sempre estiveram coerentes e unidas uma à outra. Uma coisa foi a experiência histórica da comunidade cristã com relação ao tema do racismo, outra

coisa é o que entendemos ser a confissão da fé cristã em relação ao ser humano, embora seja também um fato histórico a convivência e a promoção do racismo por determinadas formulações “cristãs”. Entender essas discrepâncias faz parte do desafio para entender o problema em questão. Por exemplo, como uma fé cristã, que é baseada no amor a Deus e ao próximo, falhou no esforço de curar essas mazelas sociais? Como a experiência histórica da comunidade cristã acabou relacionada a um sistema escravocrata? Como determinadas formas de compreender a fé cristã sustentaram e se tornaram cúmplices e promotoras da segregação? São perguntas com dimensões teológicas, mas profundamente enraizadas na história sobre a qual é preciso pensar seriamente.

Sendo assim, ousar propor um acercamento teológico que comece com a crítica, aliás, com a autocrítica. Temos de começar a revisar as tentativas de mordidas que a igreja “colocou” na Palavra de Deus e, de forma irreverente, “tentou” colocar no próprio Deus, tornando-se conivente, cúmplice e silenciosa diante do ultraje da escravidão moderna e de tudo que resultou dessa experiência.

A segunda coisa que eu gostaria de propor ao nosso esforço de compreensão teológica é a humildade. É preciso ouvir, reeducar-se nesta questão; precisamos entender o que aconteceu. É preciso trazer para o centro da conversa aqueles que estiveram à margem o tempo todo, aqueles que foram silenciados, aqueles que têm as cicatrizes no corpo e na alma. Precisamos de uma teologia que ouve atentamente a Deus, mas que ouve atentamente aqueles que têm sido sujeitos desta história.

Sugiro também uma teologia que trabalhe a dimensão do experimento, que se proponha a uma inovação pastoral contínua, que saiba lidar com as consequências desta escuta. Temos de

dar novas respostas para esses problemas antigos, porque as respostas que temos dado não são adequadas.

Proponho audácia. Precisamos lidar com o racismo estrutural de forma audaciosa. É urgente que tenhamos propostas adequadas para lidar com esse problema.

Proponho uma teologia que nos leve à tristeza. Nós precisamos nos entristecer. Falo daquela tristeza segundo Deus, a que Paulo se refere: “A tristeza segundo Deus produz um arrependimento que leva à salvação e não remorso, mas a tristeza segundo o mundo produz morte” (2 Coríntios 7.10, NVI). Essa teologia deve levar a igreja à contrição, à tristeza profunda segundo Deus, que produz arrependimento e leva à salvação. Precisamos de uma tristeza que produza em nós o que produziu em Zaqueu (Lucas 19.8). Quando se confronta com Cristo, ele se arrepende, se entristece e decide dar a metade dos seus bens aos pobres e devolver quatro vezes mais o que ele extorquiu. Uma tristeza assim pode resultar em um conjunto de respostas diferentes ao problema. Pode mostrar o caminho para uma sociedade mais ampla na prática da restituição e da reparação. Contudo, não esquecemos que é preciso um real encontro com Jesus Cristo. Nosso anúncio do evangelho deve levar as pessoas a Cristo, e elas devem entender as implicações deste encontro para todas as áreas da vida.

A nossa prática cristã precisa mudar de foco. Geralmente o foco da nossa vida cristã está no centro, nos poderosos, na fama, no status. Nos Evangelhos vemos Jesus prestando atenção na realidade que está à margem. O que está à margem que nossa experiência cristã não tem levado em conta? Temos de fazer uma teologia que lide seriamente com a dor que nossos olhos não veem.

Temos a responsabilidade de, em nosso esforço teológico, incluir aqueles que são excluídos; incluir de forma adequada,

de forma adulta. Não podemos esquecer que vivemos numa sociedade que marginaliza, exclui e produz banidos. Uma sociedade excludente impõe desafios ao nosso pensar teológico. Uma igreja “ajustada” a este modelo de sociedade não ouve, não integra e não será capaz de fazer uma teologia que leve a sério a história, as vidas e as dores deste mundo. Dessa maneira, pregamos um Cristo que se encarnou, mas evitando, nós mesmos, o desafio da encarnação.

Se temos o desafio do foco, o desafio da inclusão, temos também o desafio da restauração pela compaixão. É impressionante ver Jesus, nos Evangelhos, expressando modelos de compaixão por meio da atenção, do toque, da fala, da conversa. Falar, tocar, ouvir são modelos concretos de misericórdia.

Começemos a partir do pequeno, redefinamos nossos centros, assumamos a tarefa de incluir e passemos a lidar seriamente com a questão dos nossos modelos pastorais de misericórdia. Tenho esperança de que a tristeza segundo Deus produza em nós vida e salvação. Não é possível lidar com esse difícil tema sem o entristecimento adequado, porque é isso que produzirá em nós a disposição para restaurar, reparar, restituir, para fazer aquilo que é adequado. A teologia de mãos dadas com a história nos ajudará a entender e a nos educar sobre o que de fato aconteceu e vem acontecendo. Então poderemos ouvir a Deus, por meio de sua Palavra, e ouvir o mundo, e, assim, ter uma teologia que nasça da revelação de Deus em sua Palavra e se encarne na história para trazer cura a todas as nossas dores. Teremos uma teologia que nos faça de fato amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Que nos unamos na luta contra o racismo, onde quer que ele se manifeste, inclusive, como tem sido a minha experiência, quando se manifesta em nós mesmos. A graça do Senhor é maior que esta dor e pode nos restaurar e mudar a nossa história.

● **ZIEL MACHADO**, pastor da Igreja Metodista Livre da Saúde, em São Paulo, e vice-reitor no Seminário Servo de Cristo. Por mais de trinta anos serviu na ABUB e na IFES em diferentes funções.

ESTUDO BÍBLICO

Quem chama Deus de pai não escolhe irmão

Texto básico: Atos 11.1-30

Do que trata o estudo?

Paralelamente à expansão da igreja cristã em Jerusalém após a experiência do Pentecostes, surgiram novas e desafiadoras questões que precisavam ser enfrentadas seriamente, sob pena de que a comunidade cristã sofresse uma seríssima divisão logo em seus primórdios: Quem eram os verdadeiros descendentes de Abraão e, conseqüentemente, herdeiros legítimos das promessas de pertencimento ao exclusivo “povo de Deus”? A igreja de Cristo estava limitada por alguma fronteira (étnica, religiosa, social, geográficas, etc) ou não? O que realmente significava, e quem poderia fazer parte, da “igreja”, o Corpo de Cristo, o povo de Deus?

 Leia e imprima o estudo bíblico na íntegra. **Clique aqui.**



O CAMINHO DA NÃO DISCRIMINAÇÃO

Márcio Mendes

O DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA, celebrado em 20 de novembro, não é somente mais uma data no calendário, mas uma data que nos lembra a resistência dos negros à escravidão e ao racismo.

A data foi escolhida por coincidir com o dia da morte de Zumbi dos Palmares, em 1695. O Dia da Consciência Negra procura ser uma data para se lembrar a resistência do negro à escravidão de forma geral, desde o primeiro transporte forçado de africanos para o solo brasileiro (1594).

Esta é uma data para que o povo brasileiro possa se lembrar da luta por uma sociedade igualitária, democrática, unida e livre de preconceitos, que ama a Deus e guarda os seus mandamentos. Portanto, o dia 20 de novembro deve-nos fazer refletir com profundidade e seriedade.

Foi neste dia que Zumbi, líder guerreiro do Quilombo dos Palmares, foi capturado e morto, tendo sua cabeça exposta

em Recife com a função de intimidar os escravos a não seguirem seus passos, pelo qual tornou-se símbolo não só da resistência negra no Brasil, mas da luta pela liberdade humana.

O racismo ainda é a forma mais clara de discriminação no Brasil. A imagem do negro na televisão, nos livros, nas universidades e nos trabalhos ainda é inferior com relação ao branco. No Brasil, o racismo é considerado crime, para o qual pode-se pegar até pena de reclusão. Mas, acima de tudo, é dever da sociedade brasileira conscientizar-se de que a cor da pele não interfere na capacidade e nem no caráter do indivíduo.

RELEMBRANDO A HISTÓRIA

A partir do século 16, começaram a singrar as águas do Atlântico os navios negreiros, de bandeira inglesa, que traziam negros para o Brasil. Muitos anos antes, ainda no século 15, já havia negros escravizados em Portugal, Espanha, Açores, Madeira e Cabo Verde.

Era sabido que os negros eram mais dóceis e mais fortes para o trabalho, do que os índios, por exemplo. No Brasil colonial, alguns brasileiros, seguindo exemplo dos portugueses, tornaram-se traficantes de escravos. Houve uma época em que o tráfico rendia um terço das importações vindas da metrópole. Alguns historiadores afirmam que 40% dos negros capturados na África morreram na viagem, de fome, sede, maus tratos e também vítimas de naufrágios, decorrentes do excesso de carga.

O Brasil recebeu escravos africanos no período compreendido entre os fins do século 16 e meados do século 19. Com a proibição do tráfico de escravos, a partir de 1808, o transporte tornou-se clandestino. Muitas vezes, contam os livros, ao avistar as canhoneiras inglesas e americanas, os negreiros, para não serem presos e terem o navio aprisionado, jogavam os negros ao mar, acorrentados, com pesos de ferro atados aos pés.

A abolição da escravatura no Brasil se deu em 1888, pela princesa Isabel, sendo mais que um gesto de grandeza, uma atitude política, no sentido de trazer a opinião pública de volta à monarquia, pois esta já se manifestava abertamente simpaticizante dos ideais republicanos.

Havia acabado a escravatura de direito - a porta da senzala foi aberta - mas ela perdurou de fato, pois a situação de muitos negros até piorou. A quase totalidade deles era analfabeta. Libertados, da noite para o dia, mandados embora, sem casa, sem emprego e sem indenização.

Como só o que sabiam fazer era trabalhar na terra e nos engenhos, empregavam-se nas mesmas fazendas onde tinham sido escravos, em troca de comida.

Cego pela ambição e pelo desejo de acúmulo e riqueza, o homem oprime, despoja, discrimina e - não raro - mata o seu semelhante.

No entanto, como cristãos, nós cremos que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gênesis 1.26), para uma existência digna, livre e recheada de esperança. Ele tem um projeto de amor, resgate e salvação para todo aquele que crê. Por esta razão, a discriminação ofende a Deus e fere os seus propósitos para o homem.

Ao criar o homem, Deus o dotou de razão e inteligência, e junto com a vida, deu-lhe liberdade. Portanto, somos livres para fazer as nossas escolhas. Somos chamados a ser profetas, não tanto no aspecto escatológico, mas como vozes que clamam para que nossa sociedade seja de justiça e paz, onde todos são tratados de igual maneira, sem discriminação. Quando a Bíblia nos diz que devemos “amar uns aos outros” (João 13.34), ajuda-nos a ver o “outro”, não como um instrumento, objeto de exploração e discriminação, mas, sim, como um nosso semelhante, que igualmente é convidado por Deus a gozar da vida eterna.

Afinal, foi por esta razão que Jesus veio, como menciona a Bíblia em João 10.10: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”. Que esta abundância de consciência e vida atinja a Igreja e o povo brasileiro.

Deus abençoe nossa nação, e que ela encontre o caminho da não discriminação.

Texto originalmente publicado na revista **Rumo**, número 9, de novembro de 2019. Reproduzido com permissão.

● **MÁRCIO MENDES**, major do Exército de Salvação.

ESTUDO BÍBLICO

Fé, Bíblia e discriminação

Texto básico: Tiago 2.1-9

De que trata o estudo?

Ao olharmos com atenção para a realidade brasileira veremos que a discriminação racial não ficou no passado. Ao contrário, ainda hoje o racismo se apresenta como problema social e fator determinante para muitas injustiças vividas não apenas por alguns indivíduos, mas por um enorme contingente da população brasileira. Lendo a Bíblia, vemos que ela já aponta: discriminar alguém, além de ser errado, é pecado.

🖱️ Leia e imprima o estudo bíblico na íntegra. **Clique aqui.**



RACISMO E INFÂNCIA: UMA RECEITA DE SOFRIMENTO E REPRODUÇÃO DE CONCEITOS

Terezinha Candieiro

EXPERIÊNCIAS QUE MARCARAM

Refletir sobre o tema em questão me remeteu a duas experiências que marcaram bastante a minha vida. A primeira ocorreu na minha infância. Por volta dos 9 anos de idade eu estava brincando com uma de minhas primas na casa de uma vizinha amiga da família, a dona Josefina. Ela tinha um filho, chamado Juninho, de idade aproximada à nossa. Gostávamos muito de brincar juntos. Certo dia, entretanto, durante a brincadeira Juninho disse à sua mãe:

— “Mamãe, quando eu crescer vou casar com Maria”.

No mesmo instante a mãe o repreendeu e lhe disse:

— “Com Maria, não... ela é pretinha! Veja se escolhe uma branquinha para entrar na nossa família”.

Aquele comentário encheu meu coração com uma tristeza profunda, ainda que não tivesse clareza do significado exato

daquelas palavras. Aquela mãe expressou uma opinião racista de forma tão natural que demonstrava total falta de noção a respeito da dor que tal ponto de vista poderia causar em todas as crianças envolvidas. Não havia vergonha ou brincadeira no tom usado, no fundo, aquelas palavras expressavam um sentimento de desvalorização e falta de respeito a uma criança. E tal discriminação foi baseada simplesmente em características biológicas e traços físicos, como a cor da pele. Uma criança foi vítima de racismo por um adulto.

A segunda experiência que vivenciei aconteceu durante uma viagem que fiz à África do Sul, país com forte tradição do apartheid, regime de segregação racial. Há vários anos, quando meu filho tinha oito anos de idade, passamos uns dias de férias num resort. Havia muitas famílias naquele lugar, mas a grande maioria dos frequentadores era de pessoas brancas. Nós éramos uns dos poucos negros naquele ambiente. As crianças estavam brincando na piscina e de repente começou uma discussão entre dois meninos. Um deles disse com tom de voz áspero, em forma de xingamento:

— “Você é negro, não devia estar aqui”.

Houve um silêncio total no ambiente enquanto o menino ofendido saía chorando da piscina. Os pais dos dois meninos demonstraram surpresa e um grande desconforto diante daquela discussão “infantil” e retiraram-se do ambiente o mais rápido possível. Uma criança havia cometido um ato de injúria racial contra outra criança.

As duas experiências relatadas nos fazem refletir sobre os motivos de tal visão de mundo deturpada e preconceituosa ainda permanecer tão presente em nossa sociedade. Precisamos levar nossa sociedade a refletir sobre o que os pais têm ensinado aos filhos seja por meio de palavras ou de ações. Portanto, em que está baseado o valor de uma pessoa? O valor de uma

pessoa deve ser estipulado por sua raça, etnia e traços físicos; por sua classe social, por suas conquistas ou por aquilo que ela acrescenta à sociedade?

TAL PAI, TAL FILHO... TAL MÃE, TAL FILHA?

A infância é um período de vital importância para a formação do caráter da pessoa, estabelecimento de vínculos, aprendizagem de princípios e valores que afetarão todo o seu desenvolvimento na vida. Durante a infância e a adolescência as crianças aprenderão como tratar o outro e como desenvolver relacionamentos de forma sadia. Portanto, aquilo que receberem de suas famílias será reproduzido ao longo de suas vidas.

Há crianças que sofrem por causa do racismo e, ao mesmo tempo, há crianças que são levadas e ensinadas a reproduzirem preconceito, discriminação racial e a proferirem injúria racial contra aqueles que têm características físicas diferentes das suas. Isso tem acontecido por muito tempo, diariamente com muitas crianças em todos os lugares e ambientes, incluindo os das igrejas.

A criança, especialmente em sua mais tenra idade, ainda não tem maturidade emocional para lidar com essas questões, tanto quando são vítimas como quando cometem atos de racismo e injúria racial. Por isso, o grande questionamento da reflexão levantada seria o que pode ser feito para minimizar a dor daquelas que sofrem e para não influenciar outras crianças a cometerem atos violentos de racismo.

Crianças precisam de oportunidades para ouvir e serem ouvidas. Através do ato de falar e expor sua própria opinião e também de ouvir a opinião de outros, as crianças são orientadas a fim de que se desenvolvam de forma saudável, valorizando e respeitando a todos, livres de preconceitos absorvidos por

uma sociedade que perpetua uma estrutura racista em sua dinâmica de relacionamentos. Assim sendo, é na família, na escola, na igreja, nas redes sociais, e em qualquer outro espaço que elas frequentem que esse tema precisa ser abordado com sabedoria, de forma honesta e antidiscriminatória.

QUAL SERIA O PAPEL DA IGREJA EM MEIO A TUDO ISSO?

É necessário questionar como a igreja tem se posicionado para minimizar o impacto do racismo nas crianças e nas pessoas de maneira geral.

O racismo é uma forma de violência e como tal atinge também às crianças de maneira covarde. O tratamento desrespeitoso a alguém por causa de sua diferença étnica ou racial é considerado como crime na legislação brasileira e em muitos outros países.

Não gostamos de pensar que existe racismo nas igrejas, porém, infelizmente isso é uma realidade. Este tipo de comportamento contraria todos os ensinamentos da Palavra de Deus, que diz: “porque para Deus não há acepção de pessoas” (Romanos 2.II).

Certa ocasião, os discípulos queriam impedir as crianças de irem até Jesus (Mateus 19.13-15). Diante dessa ação discriminatória dos discípulos com pessoas, por serem crianças, Jesus os confrontou e os repreendeu. Jesus chamou as crianças, as acolheu e as abraçou. É esta atitude que se requer dos seguidores de Jesus diante das situações violentas, incluindo atos de racismo ou injúria contra as pessoas em qualquer estágio da vida.

Racismo é expressão de agressividade e redução do outro, precisa ser enfrentado e combatido. Há muitas crianças, adolescentes, jovens e adultos marcados em sua alma, e até

mesmo em seus corpos, como consequência do tratamento racista que receberam em sua infância ou ao longo da vida. Alguns nem mesmo estão conscientes do que vivenciaram, e apenas passam a se conscientizar à medida que compreendem o significado de tal ato.

A igreja pode fazer toda a diferença na sociedade demonstrando de maneira prática as atitudes de Jesus diante das injustiças, desigualdades, desrespeito e desvalorização do ser humano. A igreja é um importante ambiente de aprendizagem e pode proporcionar muitas oportunidades para estimular a boa convivência das crianças e de todas as pessoas independente de etnias.

Que a igreja não reproduza nem perpetue um comportamento violento e danoso ao desenvolvimento humano e da sociedade em geral. Que o legado eclesialístico para a presente e para as novas gerações seja viver e agir à semelhança do que Jesus nos ensinou: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mateus 22.37-39).

● **TEREZINHA CANDIEIRO**, mestre em Artes no Programa de Desenvolvimento Integral; pós-graduada em Projetos Sociais – gestão e perspectivas; licenciada em Pedagogia com especialização em Magistério e Orientação Educacional; bacharel em Teologia com especialização em Educação Religiosa. Coordenadora geral do PEPE Internacional da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

ESTUDO BÍBLICO

O "Sarári crioulo" - A gente e com a gente

Texto básico: Lucas 4.16-19

De que trata o estudo?

O Dia da Consciência Negra – 20 de novembro – incentiva a população em geral, incluindo nós, cristãos, a refletir sobre suas ações e pensamentos. Não temos dados históricos que afirmam a existência de preconceito racial na época de Jesus, portanto, - as minorias naquela época eram outras. O livro de Lucas fala sobre o ministério de Jesus e o capítulo 4 é um dos capítulos que mostra sua atenção para com as “minorias”.

🖱️ Leia e imprima o estudo bíblico na íntegra. **Clique aqui.**



A BÍBLIA E AS RAÍZES MÍTICAS DO RACISMO

Quéfren de Moura

Ao longo da história, a narrativa de Noé e a maldição de Cam foi usada para legitimar a escravidão e o racismo. Biblicamente, essa interpretação não se justifica. Trata-se de uma leitura colonialista, incorreta e com fins de sustentar ideologicamente a dominação.

O RACISMO é um conjunto de teorias, crenças e práticas que pressupõem ou estabelecem uma hierarquização entre as chamadas “raças” (ou etnias). Ele se fundamenta sobre o direito de uma (considerada pura e/ou superior) dominar outras (vistas como inferiores). Além disso, segundo o antropólogo e professor aposentado da Universidade de São Paulo, Kabengele Munanga, especialista nas questões de racismo, multiculturalismo e educação das relações étnico-raciais, “o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas”.

É importante lembrar que “raça” não é uma categoria biológica, científica ou genética, mas um conceito sociologicamente construído, o qual, segundo Munanga, está “carregado de ideologia (...) e esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação”. Para o sociólogo Clóvis Moura, “O racismo é uma ideologia deliberadamente montada para justificar a dominação de um grupo sobre outro”. Isso significa que ele subjuga, humilha, desdenha, despoja, usurpa direitos e violenta, em nome do poder. Assim, trata-se de algo perverso e violento — e totalmente contrário aos valores que a Palavra de Deus ensina.

Apesar disso, uma das origens míticas do racismo vem justamente de uma narrativa bíblica, tomada e interpretada como o motivo da inferioridade dos negros. Trata-se da passagem de Gênesis 9.20-29.

Ali, depois do dilúvio, Noé se embriaga e fica nu em sua tenda. O texto hebraico é pouco claro, mas Cam, filho de Noé, aparece e “vê” a nudez do pai. Na Bíblia hebraica, ver a nudez pode ser um eufemismo para uma ação com conotação sexual (cf. Levítico 18.6-19; 20.11), o que, nessa situação, refletiria uma grave desonra ao pai e a sua desautorização como líder do *beit av*, ou seja, da família. Quando Cam conta o ocorrido aos irmãos, depreende-se que, como filho mais novo (Gênesis 9.24) — e, portanto, que não herdaria a linhagem do pai nem seria o futuro patriarca —, ele busca tirar de Noé sua autoridade patrilocal. Os outros dois irmãos, por sua vez, protegem e respeitam a figura paterna, desviando dele seu olhar e cobrindo sua nudez. Ao saber do que aconteceu, Noé amaldiçoa Cam, dizendo a ele: “Maldito seja Canaã; seja servo dos servos para os seus irmãos”. A maldição proferida por Noé se dirige ao filho de Cam, ou seja, à sua linhagem e descendência.

Ao longo da história, essa narrativa foi usada para legitimar a escravidão e o racismo, ao se afirmar que os negros teriam

vindo da linhagem de Cam e, por isso, seriam herdeiros da maldição do servilismo. Biblicamente, essa interpretação não se sustenta. Trata-se de uma leitura colonialista, incorreta e com fins de justificar ideologicamente a dominação.

O racismo corresponde à descaracterização do ser. Ele exclui, em vez de agregar. É o oposto do propósito divino para a humanidade, que foi feita para existir em comunhão (Gênesis 2.18). Além disso, o racismo homogeneiza, desumaniza, reifica. Mas, na Bíblia, essa univocidade não está nos planos de Deus. Ela foi, sim, um plano humano, uma estratégia de poder e dominação, bem-retratada no episódio da torre de Babel. Nessa narrativa, inclusive, assim que descobre o desejo de poder das pessoas, as quais se uniram para construir uma torre que elevasse o nome delas e as tornasse célebres, Deus confunde e mistura seus idiomas, frustrando seus planos — permitindo, assim, a construção de identidades e etnicidades plurais.

Um outro texto importante, que ilustra o pensamento bíblico e nos ajuda a refletir sobre questões sociais contemporâneas, como a violência e o racismo, é o de Gênesis 4. Nele, Deus indaga Caim sobre o paradeiro de seu irmão Abel, no episódio do primeiro fratricídio da Bíblia. Caim responde a Deus, de forma bastante insolente: “Acaso sou eu o guardador do meu irmão?” (Gênesis 4.9). A resposta de Deus, em elipse na narrativa, porém evidente ao longo da história de Israel, perpassa e reverbera em toda a Bíblia. E é a mesma para Caim e para cada um de nós: Sim! Você (e cada ser humano) é responsável pelo seu irmão! O sangue derramado de cada irmão clamará sempre da terra. A dor de cada um dos pequeninos chegará até Deus, e isso será requerido de nós.

Já no Novo Testamento, os princípios do amor, da compaixão e da solidariedade, além da igualdade e do respeito ao próximo, se evidenciam, tanto nas falas e histórias de Jesus quanto na literatura do primeiro século. Jesus ensinou, não uma, mas

várias vezes, que o fundamento da existência é o amor (Mateus 5.43-44; João 15.12). O apóstolo Paulo escreveu que, mesmo que tudo passe, o amor permanece (I Coríntios 13.13). E esse amor é relacional. Ele precisa ser experimentado e vivenciado na relação com o próximo. O amor, que não é apenas sentimento, mas solidariedade, amparo e justiça social, propicia a igualdade e a dignidade humana.

Num momento emblemático, registrado em Mateus 25.31-46, Jesus fala de um grande julgamento futuro, quando serão postos em foco e pesados o acolhimento e a solidariedade de cada ser humano para com os necessitados, as pessoas exploradas, que tiveram fome e sede, que estavam nuas, que eram estrangeiras ou não possuíam abrigo: “Então os justos perguntarão: ‘Quando foi que vimos o senhor com fome e lhe demos de comer? Ou com sede e lhe demos de beber? E quando foi que vimos o senhor como forasteiro e o hospedamos? Ou nu e o vestimos? E quando foi que vimos o senhor enfermo ou preso e fomos visitá-lo?’ O Rei, respondendo, lhes dirá: ‘Em verdade lhes digo que, sempre que o fizeram a um destes meus pequeninos irmãos, foi a mim que o fizeram” (Mateus 25.37-40).

Em sua Carta aos Gálatas, o apóstolo Paulo escreveu: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3.28). As distinções que engendram desigualdade e violência, para Paulo, são artificiais, e em Cristo, elas se esvaem — o que permite que experimentemos, de fato, o que é ser irmãos. Essas deveriam ser as marcas da fé cristã.

Respeitar e amparar as pessoas que sofrem e lutar para que a dor delas seja sanada é o papel do justo. Pensando no racismo, trata-se de não o perpetrar. Mas, mais do que isso, há um chamado a combatê-lo! Ignorar sua existência e seus impactos, negligenciando nosso papel na construção de uma

sociedade igualitária, é incoerente com o caráter de um cristão. Se queremos nos parecer com Jesus, é necessário assumir para nós a responsabilidade legada por ele, de defesa daquele que é oprimido. Não é uma opção. Não é uma escolha. É uma missão, que precisa permear toda a nossa vida.

● **QUÉFREN DE MOURA**, doutoranda em Letras (Estudos Críticos da Bíblia Hebraica) na Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Letras (Estudos da Tradução) e graduada em História e Comunicação Social pela USP. Desde 2011, colabora com a Sociedade Bíblica do Brasil nas áreas de tradução e publicações, atuando como revisora de textos e consultora de traduções em preparação. Atualmente, também apoia projetos de tradução para línguas indígenas e de sinais.

ESTUDO BÍBLICO

De todas as tribos: a igreja e suas muitas cores

Texto básico: Efésios 2.11-22

De que trata o estudo?

Quando permitimos que a aceção de pessoas e atitudes discriminatórias governem nossos relacionamentos com nossos irmãos e irmãs na fé, desobedecemos o mandamento áureo de Cristo e traímos nossa vocação como discípulos e como igreja. Tomando esse atalho, deixamos de apontar para o verdadeiro caminho, aquilo que Deus realizou, está realizando e irá completar através do seu Filho unigênito, a saber, a sua nova criação – sinalizada aqui e agora pela nova família dos seguidores de Jesus, a igreja.

🖱️ Leia e imprima o estudo bíblico na íntegra. **Clique aqui.**



DIVERSIDADE RACIAL NA LINGUAGEM DO EVANGELHO

Ana Staut

E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação.

EM APOCALIPSE 5.9 somos introduzidos à diversidade da criação e do reino de Deus. Não somente somos feitos à imagem e semelhança do Pai, o que nos confere valores únicos no plano cósmico, como também individualmente pertencemos, graças ao sacrifício de Cristo, à promessa de uma eternidade racialmente reconciliada.

A NEGAÇÃO DA DIVERSIDADE

O conceito de raça não é bíblico e muito menos biológico, mas tem sido socialmente definido pelo conjunto de fenótipos, textura capilar, traços faciais e cor da pele. A “raça”, nesse

sentido provisório, é o que me torna visualmente diferente do outro, compondo parte da minha identidade, me incluindo em tribos urbanas e me classificando em grupos de riscos ou privilégios sociais. No Brasil, ser negro é participar de estatísticas de marginalização, desemprego e baixa escolaridade, uma consequência do passado escravocrata colonial que se perpetua, ameaçando continuamente o bem-estar social.

O racismo divide a realidade. É um fracasso em amar o próximo. É pecado. A Bíblia apresenta fundamentos firmes para condenar essa ofensa e nos oferece exemplos contextualizáveis desde a época do Apóstolo Paulo, quando a discriminação de gregos, gentios e samaritanos pelos judeus era constante. O que aprendemos em sua Carta aos Romanos é o que deveríamos aplicar em nossa sociedade e Igreja. Não há distinção, perante Deus, de negros e brancos.

O PROPÓSITO DA DIVERSIDADE

"Anunciai entre as nações, a sua glória; e entre todos os povos, as suas maravilhas. Porque o Senhor é grande e digno de ser louvado" (Salmos 96.3,4).

Para alcançarmos a graça e a justificação, não há nenhum critério racial; todavia, é em nossas diferenças e cores que podemos juntamente glorificar ao Senhor. A diversidade racial é uma forma, construída e planejada por Deus, de o louvamos.

Em Atos 2, o Espírito Santo desce sobre toda a Igreja em Pentecostes. O que tornava as pessoas diferentes umas das outras, o seu idioma, foi assim transcendido. Apesar de não se comunicarem pelo mesmo dialeto, a Bíblia nos diz que todos entenderam a mensagem revelada pelos apóstolos. As diferenças não foram obstáculos para serem alcançados

por Deus, assim como hoje, em meio à divisão racial, elas não serão motivo para a divisão entre povos na Eternidade, muito menos para o desenvolvimento da fé, o resgate na cruz e nossa salvação em Cristo Jesus. O Pentecostes, no Novo Testamento, é uma sinalização do que acontecerá na reconciliação racial. Seres humanos diversos, mas unidos como filhos de Deus.

A REDENÇÃO DA DIVERSIDADE

A misericórdia nos livra da raiva, tristeza e mágoa deixadas pelas ofensas que sofremos. Somos então, capacitados a perdoar e a pedir perdão, a amar nossos inimigos e nos reconciliarmos, por meio da fé em Cristo, engrandecendo aquele que nos deu vida.

"Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoados mutuamente, assim como Deus perdoou vocês em Cristo" (Efésios 4:32).

Nossa disposição de perdoar os outros, assim como somos perdoados em Cristo, é um fator necessário para atingirmos uma forma de reconciliação na Igreja. Acumular mágoas é negar a graça que Deus nos oferece misericordiosamente. Termos nossa paz em Cristo, confiando que todas as injustiças do mundo já estão julgadas, nos fornece o combustível para perdoar nossos ofensores. É importante saber, também, que o perdão não significa que atos racistas não podem ser confrontados, mas que o mal não será causador da destruição pessoal.

"Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem. Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção" (Efésios 4:29,30).

O arrependimento é outra característica em um ambiente de reconciliação. O coração pecador é motivo de tantas

feridas causadas pelo racismo: o orgulho, a arrogância, a perversidade; a apatia pelo próximo e indiferença perante injustiças. Essas deficiências do nosso coração necessitam de transformação, pelo poder do Evangelho: a mesma Palavra misericordiosa que precisamos buscar se desejamos dar bom testemunho perante o mundo, cuidando do reino presente e sinalizando aquele que há de vir, o corpo de Cristo em sua plena diversidade.

Nos humilharmos devido ao nosso pecado faz parte da caminhada cristã, aprofunda nossa relação com o Criador e intensifica a gratidão que devemos a Ele. O arrependimento do pecado do racismo é o reconhecimento do pecado contra o próprio Deus.

A reconciliação racial é uma conquista da cruz. Cristo morreu para que todos os pecados fossem perdoados e a injustiça cessasse. Promover a harmonia entre os povos de Cristo é responsabilidade da Igreja, capacitando seus membros, exortando atitudes discriminatórias e estabelecendo testemunho. A participação da comunidade cristã nesse processo demonstra a verdade que fomos todos criados para glorificar a Deus, Senhor de todas as raças e nações, propositalmente criados.

A PRÁTICA DA DIVERSIDADE

A diversidade do corpo de Cristo deve ser admirada e prezada, e até mesmo buscada. Se a diferença racial e étnica foi colocada por Deus em sua criação, ela deve ser espelhada na Igreja, preanunciando o reino Eterno. Essa pauta não necessita ser levada como a prioridade da comunidade, mas ignorá-la é fechar os olhos para uma das formas de revelação da beleza e glória perfeita do Pai.

A responsabilidade pessoal de orarmos pela ajuda e sabedoria de Deus ao avançarmos na reconciliação é outro passo

de testemunho e dedicação a vida cristã. Importar-se com a criação e com os planos divinos é conhecer uma faceta daquele que nos criou. Que o Evangelho possa fazer com que as pessoas, e Igrejas, busquem a diversidade, a harmonia entre raças, a comunhão entre irmãos e a manifestem em nossos espaços de profissão de fé e vida comum.

“Pois todos fomos batizados por um só Espírito para ser um só copo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (I Coríntios 12.13).

■ **ANA STAUT**, criada em L’abri e estudante de jornalismo. Escreve sobre arte, cosmovisão cristã e comportamento.

ESTUDO BÍBLICO

O amor perfeito

Texto básico: 1 João 4.15-21

O texto da primeira carta de João é parte de uma carta escrita a um grupo de cristãos que se encontrava na Ásia Menor (atual Turquia) por volta do ano 90 d.C. A ênfase da carta é o amor e o trecho escolhido norteará este estudo: “Se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele. Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém afirmar: “Eu amo a Deus”, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ele nos deu este mandamento: Quem ama a Deus, ame também seu irmão”.

🖱️ Leia e imprima o estudo bíblico na íntegra. **Clique aqui.**



ENTRE FLORES E PRECONCEITOS

Atilano Muradas

RECENTEMENTE, visitei a casa da minha mãe e pude caminhar pelas ruas da cidade onde nasci, interior de Minas Gerais. Passando pelas praças, percebi que todos os jardins e gramados estavam bem cuidados, floridos, prontos para receberem a primavera. No quintal da casa da minha mãe também há muitas flores e plantas que ela rega diariamente e poda com frequência. Incrível, mas ela sabe o nome de todas e até desenha algumas em quadros, que fixa nas paredes da casa. O seu amor pelas plantas e flores acabou me inspirando e tornei-me um admirador da diversidade da flora. Hoje consigo apreciar detalhes, até certo grau, inclusive, para, pelo menos, entabular um bom papo com a minha mãe.

Devido a isso, no tempo em que morei em Brasília, aprendi a admirar os belos jardins do Palácio do Planalto e do Setor Militar. Em viagens pelo Brasil, era inevitável não apreciar os jardins e florestas no Sul – Curitiba, Campos do Jordão,

Gramado, Rio de Janeiro, São Paulo – e também no Norte – Manaus, Belém, Juazeiro do Norte. Subindo mais um pouco, nos Estados Unidos, fotografei e filmei jardins maravilhosos em Washington, Boston, Orlando, na Califórnia, no Texas e em Minnesota. Na Europa, me embriaguei com a beleza dos jardins londrinos e parisienses. Na América Latina, encontrei um espetáculo de canteiros floridos em Buenos Aires. Trouxe muitas fotos e filmes desses lugares e mostrei à minha mãe, que suspirava a cada detalhamento, sobretudo quando via as imagens dos jardins dos palácios da Inglaterra. Muita gente admira a mesma coisa e faz tudo que é possível para ter um belo jardim e cuidar dele como se fosse da família. Às vezes, até melhor.

Conectada à flora, está a fauna. Desnecessário dizer que Deus esmerou-se na criação da diversidade da animália, da mesma forma que caprichou ao criar a flora. Aliás, chega a ser cômico ver botânicos e zoólogos tentando catalogar a variedade natural terrena, pois lhes faltam nomes. Nas paredes da casa da minha mãe há também muitas fotos de aves que ela pinta com rara habilidade. Flora e fauna, indiscutivelmente, são manifestações da glória de Deus, tal qual os céus (Salmos 19.1).

Foi de Deus a ideia de criar todas essas coisas incrivelmente lindas e perfeitas que povoam o planeta e o céu – tanto as visíveis, quanto as invisíveis. Todavia, quando Deus criou o homem, permita-me crer que o capricho foi ainda maior, pois, ao invés de chamar à existência, como fez com a fauna e a flora, usando apenas a palavra, ele usou as mãos e ainda “soprou”. O ar de Deus entrou em nós, o seu toque está impresso em nossa essência, e ele nos fez seres profundos e perfeitos justamente porque haveríamos de ser os mordomos dos bens d’ele, e ainda teríamos a incumbência de dominar a flora e a fauna.

Mas, a meu ver, o melhor da criatividade de Deus ainda estava por vir: a mistura das raças. O desenrolar da História produziu e continua produzindo pessoas com personalidades extremamente intrincadas, de diversos tamanhos e formatos, com cabelos e olhos diferenciados e com as mais variadas cores de pele.

Minha avó materna, por exemplo, era negra, casou-se com um índio e gerou a minha mãe. Já meu avô paterno era branco, filho de judeus espanhóis, casou-se com uma brasileira e gerou o meu pai. Sou negro-índio-branco-judeu-espanhol-brasileiro. Minha pele é parda e carrega genes de milhares de antepassados que habitaram diferentes partes da Terra. E assim somos todos nós. Ninguém é feio, ninguém é bonito, ninguém é melhor e ninguém é pior. Cada um é produto de ancestrais que também não são feios, nem bonitos, nem melhores e nem piores do que nós. Continuamos a ser criação de Deus, cheios do sopro e do toque d'ele, responsáveis por cuidar de tudo o que ele fez e colocou à nossa disposição, incluindo os nossos semelhantes.

Cada ser humano é tão diferente e belo quanto as flores e os animais retratados por minha mãe. Na Bíblia, aprendi a amar e a apreciar todas as pessoas além das suas formas ou cores. Compreendi que belo mesmo deve ser o nosso espírito, que consegue ver a Deus, que chama a cada um de nós pelo nome, assim como a minha mãe chama uma a uma, as plantinhas do seu quintal. Cada uma delas é diferente uma da outra, mas a minha mãe trata a todas de igual forma, sem distinção e com o mesmo carinho. Da mesma forma, Deus continua regando e cuidando de cada um de nós, dia após dia, até quando formos chamados para o encontro com ele na eternidade, onde a diversidade, por certo, será ainda maior.

Não entendo porque as pessoas zombam umas das outras, criticam sotaques, tipo e cor de cabelo, tamanho, altura e tom

da pele. Todos nós viemos da mesma matriz, da mesma fonte, da mesma eternidade, fazemos parte do mesmo canteiro celeste onde a diversidade é o que de mais rico e belo possuímos. E melhor é saber que Deus é o Jardineiro do Universo, conforme nos lembra Apocalipse 22.2, que diz que no céu haverá uma praça por onde caminharão os salvos de todas as nações, independentemente de status, altura, idade, nação ou cor da pele. As flores dessa praça também seremos nós, com todas as nossas tonalidades de pele e de olhos. Quem tem ouvidos, ouça. Quem tem visão, admire e dê glórias a Deus!

● **ATILANO MURADAS**, jornalista, pastor, escritor, teólogo e compositor. Possui 10 CDs e 1 DVD gravados e 5 livros publicados pelas editoras Vida, Betânia e Muradas.



RECURSOS

👉 **7 dicas para educar crianças contra o racismo em casa e na igreja**

Márcia Barbutti

👉 **A Bíblia e a luta contra o racismo hoje**

Quéfren de Moura

👉 **A bondade na dignidade**

Ronilso Pacheco

👉 **Aprendemos a resistir.
Agora experimentamos a esperança**

Entrevista com Marco Davi de Oliveira

👉 **Brasil - um retrato em branco e preto**

Infográfico

✎ **Importa a cor?**

Klênia Fassoni

✎ **Melvin Banks tinha um sonho**

Entrevista com Melvin E. Banks

✎ **Minando o racismo: quando a igreja tenta ser politicamente correta, ela se torna patética**

N. T. Wright

✎ **Não nascemos iguais. Deus nos fez assim**

Ariane Gomes

✎ **Não seja o negro do branco**

Guilherme de Carvalho

✎ **“O Evangelho não deixa espaço para a intolerância”**

Entrevista com John Perkins

✎ **Precisamos falar sobre racismo**

Alexandre Brasil

✎ **Violência contra a juventude negra**

Juliana Yade

✎ **Violência contra a mulher: lançando olhares sobre a experiência das mulheres negras**

Valdenice Raimundo

✎ **William Wilberforce: um modelo de vida pública**

Pedro Paulo Valente

✎ **Revista Ultimato – Edição 385**



FRASES



As desigualdades de acesso a bens e direitos são gritantes; a ausência de negros e negras nas propagandas, nas mídias, nas universidades, ou, mais ainda, como professores ou pesquisadores de ponta é recorrente. Esse racismo também está presente nas grandes denominações e entre palestrantes e conferencistas de eventos evangélicos em grandes hotéis ou realizados em igrejas voltadas para as classes médias. Nestes espaços privilegiados, praticamente se mantém a máxima de que "negro não entra na Igreja, espia do lado de fora", título do livro de José Carlos Barbosa sobre protestantismo e escravidão no Brasil Império.

- Alexandre Brasil Fonseca



A resposta mais importante quanto ao racismo é que ele é pecado, e reconhecer isso é um passo decisivo no enfrentamento desse grande mal. Adultos precisam recordar-se

constantemente e crianças precisam ser ensinadas que somos pecadores e que com atitudes racistas ferimos os outros com palavras, desprezo, indiferença e violência por causa do orgulho. [...] Racismo é pecado também porque insulta o projeto de Deus, que criou cada pessoa de uma maneira especial e única, colocando nela a sua própria imagem. Assim, atitude superior e violência contra qualquer pessoa é ofensa direta contra o próprio Deus e à expressão da beleza e criatividade dele em cada detalhe da criação.

- Ariane Gomes



Se você for neutro em situações de injustiça, você terá escolhido ficar do lado do opressor.

- Desmond Tutu



Deveríamos confrontar o racismo na conversão das pessoas. Não estamos pregando suficientemente que o racismo é um grave pecado. Concordo que isso é um processo, mas, quando Paulo confronta Pedro por não andar de acordo com o evangelho, é porque Pedro estava permitindo que o racismo e a intolerância entrassem sorrateiramente em sua vida. O evangelho não deixa espaço para a intolerância.

- John Perkins



A naturalização das violências, principalmente quando praticada contra determinados grupos humanos, é uma realidade no contexto social que se perpetua ao longo dos tempos. A "menos valia", a desumanização e a morte dessa juventude não têm gerado comoção. Comoção no sentido genuíno da palavra, que deriva do verbo latim comovere, e seu significado "perturbar, mover" impele para um movimento conjunto. A naturalização

da morte das juventudes, sobretudo negras, tem gerado uma frieza social que chega a ser assustadora.

- Juliana Yade



Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados por sua personalidade, não pela cor de sua pele.

- Martin Luther King



Deus acordou seu povo para a centralidade da igualdade, da justiça e do amor à mensagem do evangelho. Quando eu vejo igrejas [que estavam] anteriormente em discordância se juntando a nós para colocar em pauta as desigualdades contemporâneas na comunidade local; e testemunho pregadores promovendo perspectivas bíblicas sobre justiça racial em suas congregações, eu encontro esperança para o futuro.

- Melvin E.Banks



Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

- Nelson Mandela



O propósito em ser parte do povo de Jesus nunca teve a ver com indivíduos que poderiam "ir para o céu", talvez se juntando a outras pessoas um pouquinho diferentes no meio do caminho, ou não. O propósito era que nós fôssemos e devemos ser, em nossas vidas pessoais e coletivas, pequenos modelos ambulantes da definitiva nova criação que Deus prometeu instituir e que ele estabeleceu, de maneira categórica, quando elevou Jesus, o Ungido, de entre os mortos. Nossa

gloriosa vocação sempre foi essa. Rejeitar o racismo e abraçar a diversidade da família de Jesus deve ser algo tão óbvio quanto orar o Pai-Nosso, celebrar a Eucaristia ou ler os quatro Evangelhos. Não é só uma "regra a mais" que devemos cumprir. É fator constitutivo daquilo que somos.

- N. T. Wright



Quando as igrejas não falam sobre racismo, quando não entendem que é responsabilidade delas denunciá-lo, elas contribuem para a manutenção.

- Valdenice José Raimundo



LIVROS SUGERIDOS

- ✎ A Religião Mais Negra do Brasil
- ✎ O Compromisso da Cidade do Cabo
- ✎ Cristo, Nosso Reconciliador
- ✎ Evangelização ou Colonização?
- ✎ O Escândalo do Comportamento Evangélico

PARA CONVERSAR NA IGREJA

